



HAL
open science

Il mondo corre: o pensamento meridiano, sul-versivo e pós-italiano de Eugenio Bennato

Marcello Messina

► **To cite this version:**

Marcello Messina. Il mondo corre: o pensamento meridiano, sul-versivo e pós-italiano de Eugenio Bennato. *Muiraquitã*, 2017, 5 (2 - sup. 1: Anais do I Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte – GELLNORTE), pp.63-73. hprints-02005322

HAL Id: hprints-02005322

<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/hprints-02005322>

Submitted on 4 Feb 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

IL MONDO CORRE: O PENSAMENTO MERIDIANO, SUL-VERSIVO E PÓS- ITALIANO DE EUGENIO BENNATO

Marcello Messina

Eugenio Bennato nasce na cidade de Nápoles em 1947, e é irmão dois outros cantores, isto é, Edoardo Bennato e Giorgio Zito. Eugenio debuta em 1969 com a Nuova Compagnia di Canto Popolare (NCCP), e em 1976 funda, junto com Carlo D'Angiò, o grupo Musicanova. Em 1980 compõe a trilha sonora do seriado *L'eredità della priora* (MAJANO, 1980), baseado no homônimo romance revisionista de Carlo Alianello (1963). Em 1998, Bennato funda também o coletivo Taranta Power. É conhecido como autor de canções que abordam a história da Itália revisada e recontada a partir das vítimas sulistas da unificação, que promovem uma ideia de Mediterrâneo livre e solidário, e que propõem o “Sul” como significante de rebelião global. Entre as canções mais conhecidas de Bennato, destacam-se *Brigante se more* (BENNATO e D'ANGIÒ, 1979), *Che il Mediterraneo sia* (BENNATO, 2002) e *Ninco Nanco* (BENNATO, 2009). A proposta deste breve ensaio é ilustrar a articulação da política radical de Bennato a partir da sua canção *Il mondo corre*.

Il mondo corre (“O mundo corre”) aparece inicialmente em 2010 como parte do espetáculo itinerante *Briganti Emigranti* (“Bandidos Emigrantes”). Muito significativamente, no contexto daquele espetáculo, a canção era tocada na abertura. Assim, *Il mondo corre* funcionava como chave interpretativa para o espetáculo. A canção foi sucessivamente modificada e incluída no álbum *Questione meridionale* (“Questão meridional”) (2011). Uma nova versão foi depois incluída na antologia *Canzoni di contrabbando* (“Canções de contrabando”) (2016).

Logo nos três títulos desses álbuns é possível perceber uma lúcida postura de enfrentamento contra o poder normativo da nação italiana, já que, por exemplo, o primeiro título *Briganti Emigranti* codifica proverbialmente, na Itália, o encaixamento da identidade sulista nos dois únicos

papeis possíveis para a população meridional após da unificação italiana: a rubrica “brigante ou emigrante”, nesse sentido, não é uma expressão retórica, mas sim condensa literalmente os dois momentos mais significativos da história do Sul da Itália pós-unitário, ou seja, primeiramente a guerra civil contra os brigantes, que durou pelo menos uma década (1860-1870) logo depois da anexação do Sul (PUGLIESE, 2008; DICKIE, 1992). Essa guerra foi conduzida pelo exército italiano e envolveu a criminalização geral da população, a exterminação de inteiros municípios além de pilhagens e estupros em massa perpetrados pelos militares (DUGGAN, 2007, p. 223; PUGLIESE, 2008, p. 4; LUPO, 2011, p. 109; BONI, 2012, p. 10; MESSINA e DI SOMMA, 2017). Além disso, “brigante ou emigrante” significa também que quem consegue sobreviver a essa temporada acaba, a partir da década de 1880, tendo que emigrar, geralmente para esse continente o para a América do Norte, já que entre 1876 e 2015 cinco milhões de pessoas deixam o Sul (ROSOLI, 1978)

O título do segundo álbum, *Questione meridionale*, dialoga com um outro, fundamental clichê que marca irremediavelmente a história do olhar colonial, italiano e nortista sobre o Sul. De acordo com Joseph Pugliese, desde a unificação italiana a “questão meridional” é a codificação de “um conjunto de pressuposições racistas nas quais a branquitude do Norte operava como um *a priori*, em oposição ao status racializado e problemático do Sul, com as suas dúbias histórias africanas e orientais”. (PUGLIESE, 2008, p. 3).¹

O mesmo Bennato demonstra uma familiaridade impressionante com essa leitura da expressão “questão meridional”. Durante um concerto em Cittanova, na Calabria meridional, em agosto de 2013, antes de cantar a faixa-título do álbum *Questione Meridionale*, ele ofereceu ao público seguinte leitura crítica da expressão:

...e vocês, e a gente, e também esse festival, essa cidade e essa terra fazem parte de um problema nacional que foi declarado 150 anos atrás. Muito seriamente, na cidade de

1 “A set of racialised presuppositions in which the whiteness of the North operated as an *a priori*, in contradistinction to the problematic racialised status of the South, with its dubious African and Oriental histories and cultures”.

Turim, decidiram o Sul todo era um problema, chamado de “questão meridional” (BENNATO, 2013).²

Essa crítica apaixonada está presente também na letra da mesma faixa-título:

Nós, com a mentira de uma história mal-escrita.
 Nós, no fundo da teoria da Questão Meridional
 Nós para lembrar que faz 150 anos
 Que o Sul vai pelo mundo junto com os seus emigrantes
 Nós com a canção dos brigantes
 Que a história cancelou
 Mas se esta música continua
 É porque os brigantes somos nós (BENNATO, 2011c).³

Finalmente, o álbum em que aparece a terceira versão de *Il mondo corre* chama-se *Canzoni di contrabbando*: aqui a ideia das canções de contrabando se configura novamente como enfrentamento apaixonado contra o poder normativo do estado italiano. O simbólico contrabando sulista apoiado por Bennato, envolve a rejeição da interposição obrigatória do Norte para a produção e o acesso aos recursos materiais e imateriais (como as canções). Colocando isso dentro do espaço nacional italiano, caracterizado pela hegemonia persistente do Norte, o Sul, para circular mercadorias e pensamentos autonomamente tem que fazê-lo de contrabando, clandestinamente e subversivamente, ou *sul-versivamente*.⁴ Essa ideia de sul-versivo, entre outras coisas, visa chamar a atenção o repúdio, alcançado em várias maneiras em contextos sul-italianos (cf. FESTA, 2014; PUGLIESE, 2008; MESSINA, 2017) da noção norte-normativa de cidadania, já que essa cidadania, essa identidade cívica, é solidamente baseada

2 “...e anche voi, e anche noi, e anche questo festival, e anche questa città e anche questa regione fanno parte di un problema nazionale che è stato dichiarato 150 anni fa. Molto seriamente a Torino decisero che tutto il Sud era un problema, denominato ‘questione meridionale’”

3 “Noi, con la bugia di una storia scritta male / Noi in fondo alla teoria della questione Meridionale / Noi per ricordare che son 150 anni / che il Sud va per il mondo insieme a tutti i suoi emigranti / Noi con la canzone dei briganti / che la storia ha fatto fuori, / ma se questa musica va avanti / è perché i briganti siamo noi.”

4 Junto com os colegas Joseph Pugliese, Teresa Di Somma, Stefania Capogreco e Lara Palombo, estou formulando a categoria do *sul-versivo* em um dossiê que será publicado na revista *Muiraquitã*.

na violência (PERERA, 2014). Isso não significa, contrariamente ao que foi escrito por vários acadêmicos (BANFIELD, 1958; PUTNAM, 1993), que o Sul da Itália não tenha formas de solidariedade comunitária e horizontal. Essas formas alternativas de cidadania existem e são desenterradas por Pugliese (2008) e Festa (2014) entre outros.

Esse re-pensamento do que é o cívico reflete a construção discursiva da canção *Il mondo corre*. Já a partir do título, o significante “mundo” é utilizado para aludir a uma globalidade centrípeta e focada em criações cartográficas quais o “Norte” e o “Ocidente”. O mundo “corre”, ou seja é seduzido pela ideia de rapidez implicada no discurso do progresso e do desenvolvimento. O sujeito que canta se coloca às margens desse mundo, por causa da própria lentidão.

O mundo corre, corre, corre veloz como o vento
e eu ando muito, muito, muito lento
O mundo vai embora e me fecha as suas portas
porque corre, corre, corre muito rápido (BENNATO,
2010)⁵

Na estrofe seguinte, torna-se claro que o mundo da rapidez não deixa atrás apenas o sujeito que canta, mas também “quem não têm pressa ou não consegue” (BENNATO, 2010). Além disso, o mundo não fica esperando “os latões” que tentam cruzar o mar (BENNATO, 2010). Aqui a sul-versividade de Bennato é situada dentro de uma dimensão determinada, mediterrânea, e crítica contra a polarização, racialização e militarização extrema da fronteira imaginária entre Norte e Sul do Mediterrâneo. Através da referência aos barcos que atravessam o Mediterrâneo, Bennato enfrenta o genocídio que está acontecendo há pelo menos dez anos no Mediterrâneo, e que envolve a Itália meridional como ponte óbvia entre o Sul e o Norte desse espaço geopolítico. Nesse sentido, a observação seguinte:

E quem não sabe avançar com velocidade
porque não quer deixar atrás sua liberdade. (BENNATO,
2010)⁶

5 “Il mondo corre, corre, corre forte come il vento / ed io vado troppo, troppo, troppo lento / Il mondo si allontana e mi chiude le sue porte / perché corre, corre, corre troppo forte”.

6 “E chi non sa andare avanti con velocità / perché non vuole lasciarsi indietro la sua

Pode, por um lado, ser lida como uma referência à resistência abstrata contra a rapidez. Porém, por outro lado, é possível ler esse verso como subsulto de resistência contra essa produção de fronteiras. Exatamente como nós no Acre somos sujeitos a uma produção de fronteiras que para nós aqui não serve para nada, mas é justamente o resultado de um projeto nacional que acaba nos colocando às margens (SOUZA, SILVA e MESSINA, 2017), o Sul da Itália não produz essa fronteira sozinho. Essa fronteira é imposta tanto por interesses nacionalistas italianos quanto pelos regimes de biopoder colonial da “fortaleza Europa” (PUGLIESE, 2009).

Tudo isso pode ser subsumido sob a formulação teórica de pensamento meridiano do filósofo, também oriundo do Sul da Itália, Franco Cassano. Cassano defende a autonomia epistêmica do Sul, entendido não simplesmente como Sul da Itália mas também como Sul global, já que ele formula essa teoria a partir de um Sul mediterrâneo que acaba naturalmente dialogando com outros Suls. Para Cassano, a dimensão em que a autonomia epistêmica do Sul se expressa é justamente a lentidão, entendida exatamente como resposta ao discurso do progresso e do atraso. A lentidão é a formulação autônoma e meridiana da resistência contra a rapidez do mundo que não para de correr:

“Os ritmos do sul, a sua lentidão [...] representam um escândalo só para os clérigos da nossa ordem social, para esses modernizadores fanáticos, calejados, (e bem pagos), que viajam pelo mundo pregando o desenvolvimento como forma compulsória de salvação. A litania cansativa deles é chamada de pensamento, mas de verdade é um instrumento de produção, pouco mais do que um lubrificante” (CASSANO, 2001, p. 2).⁷

Essa articulação autônoma face a dicotomias impostas inter-

libertà”

7 “The rhythms of the south, its slowness [...] represent a scandal only for the clerics of our social order, for those fanatical, calloused (and wellpaid) modernizers who travel the world preaching development as the mandatory form of salvation. Their tiresome litany is called thought, but in reality it is an instrument of production, little more than a lubricant”.

secta também a questão da cidadania e da sul-versão mencionada antes, já que, na letra do refrão de Bennato, pelo menos nas últimas versões da canção, quem está fora do tempo está também fora da lei:

Quem é sempre lento demais,
fora do tempo e fora da moda,
Talvez está também fora da lei
Mas com certeza fora do rebanho (BENNATO, 2011a)⁸

A lei aqui pode ser entendida no sentido, desenterrado por Denise Ferreira da Silva, de *necessitas* (2014), ou seja de norma imposta de cima para baixo, de negação da possibilidade de autodeterminação, formulada a partir de uma ideia de cidadão ideal que sim, merece a autodeterminação, uma ideia imbricada com interesses e concepções caucacêntricas, heteronormativas e falocêntricas. Contra a lei, entendida também por Perera e Pugliese como “aparelho biopolítico de governamentalidade” (2012, p. 89)⁹ e como “ordem branca hegemônica” (2012, p. 90),¹⁰ o sujeito sul-versivo canta as canções de quem fica fora. Exuma, portanto, histórias, memórias e práticas silenciadas, criminalizadas e invalidadas pelas epístemes coloniais. Espalha, amplifica e difunde a voz de quem não tem voz.

A difusão da voz de quem não tem voz nos conecta à versão mais antiga desse refrão que foi apresentada no espetáculo *Briganti o Emigranti*:

E quem não canta a canção de moda,
Porque à moda não quer se adequar
Porque a um paraíso sem cabo nem rabo
Prefere o inferno dos seus flores do mal
E quem não canta o mundo que vai adiante
Lançando as suas bombas inteligentes
Fica entre os condenados da terra
Que lançam o veneno duma tarantela (BENNATO, 2010)

Aqui Bennato faz referência a um material vário e heterogêneo, por exemplo fazendo piada da dicotomia entre inferno e paraíso,

8 “E chi è sempre troppo lento, / fuori tempo e fuori moda, / Forse è pure fuorilegge / ma certamente fuori dal gregge”.

9 “apparatus of biopolitical governmentality”.

10 “hegemonic white order”

eterno extremos do discurso colonial que forja as representações tanto do Sul da Itália, quanto, por exemplo, da Amazônia acreana (cf. MESSINA, 2016a). O refrão termina mencionando a tarantela, dança napolitana ou siciliana que na obra de Bennato, mas também em muita outra produção artística sul-italiana, é um símbolo de resistência contra às práticas normativas norte-cêntricas italianas. Por exemplo, na canção *Tarantelle pe' campa'* (SALVEMINI et al, 2011), o grupo 99 Posse utiliza o conceito de tarantela como símbolo de luta coletiva:

As tarantelas mais belas são sempre aquelas de desafio e guerra,
 Que nem a *giuglianese* que se dança com as facas,
 As mulheres com os maridos e também os filhos a dançam.
 Antigamente, se dançava dentro das casas, nas aldeias, com vergonha e desonra.
 Agora se dança nos arraiais, com orgulho,
 Porque isso é o que somos,
 Fazemos as tarantelas e não temos nada do que nos envergonhar
 Nós aqui,
 Dançamos as tarantelais para sobreviver,
 E enquanto dançamos, percebemos as potencialidades,
 E cada tarantela, de lamento, vira
 Um canto de liberdade,
 Liberdade que se defende com as facas,
 Caso você queira se aproximar (SALVEMINI et al, 2011)¹¹

A tarantela, canto de liberdade e dança armada dos 99 Posse, ressoa com a tarantela envenenada de Bennato. Ambas são ferramentas de derrota violenta da opressão italiana. Voltando ao refrão de *Il mondo corre*, antes de fazer referência às tarantelas, Bennato menciona brevemente *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire (2013), às bombas inteligentes, e os *Condenados da Terra* de Frantz Fanon (1968). Aqui a justaposição entre a militância descolonial de Fanon e os preciosismos orientalisticos de Baudelaire (CHAMBERS, 1988) é bastante problemática. Porém, o que chama atenção é, deixando Baudelaire de lado, o diálogo implícito entre Fanon e

11 “E tarantelle cchiù belle so’ semp chell di sfida e guerra / come la giuglianese ca s’abballa cu ‘e curtielle / ‘a ballano ‘e mugliere cu ‘e mariti e pure ‘e figlie / ‘na vota

as teorias análogas de subordinação econômica, racial e étnica dos sul-italianos. Esse diálogo talvez passa pela formulação Gramsciana da questão meridional (GRAMSCI, 1966), que reconhece o legado colonial do Norte da Itália, mas é fortemente ancorada a uma visão muito pouco realística das relações entre o proletariado setentrional e o proletariado meridional:

A burguesia setentrional subjugou a Itália meridional e as ilhas, transformando-as em colônias de exploração; o proletariado setentrional, emancipando-se da escravidão capitalística, livrará as massas camponesas meridionais, submetidas ao banco e ao industrialismo parasitário do Norte (GRAMSCI, 1966, p. 73).¹²

Além de contemplar o contributo gramsciano, apesar dos limites do mesmo, a citação de Fanon na música de Bennato sugere talvez um diálogo mais radical com manifestos sul-italianos de libertação nacional, como aquele de Nicola Zitara, teórico marxista que explicou o dispositivo do subdesenvolvimento econômico do Sul da Itália em termos de colonialidade interna e colocou a libertação nacional do Sul como única saída possível dessa situação, ressaltando, em apertada polêmica com Gramsci, a impossibilidade de uma aliança entre o proletariado meridional e o proletariado setentrional (ZITARA, 1971; ZITARA, 1973). Por conta das suas teorias radicais, Zitara foi marginalizado pelas elites intelectuais e acadêmicas italianas: esse detalhe me permite chegar ao final desse breve ensaio, e precisamente à minha formulação do pós-italiano (MESSINA, 2016b), entendido como dimensão programática e epistêmica da superação do horizonte nacional italiano a partir dessa mesma articulação identitária do Sul, sustentada por Bennato, Cassano, Zitara, et al.

s'abballava dint 'e case de' paisi purtanno scuorno e scumpiglio / mò s'abballa dint 'e feste de paisi con orgoglio / pecchè è chell che simm / facimm tarantelle e nun tenimm proprio niente ca c'avimmo vergognà / nuje ccà / ne facimmo sulamente tarantelle pe' campà / e a mano a mano ca facimmo tarantelle ci accorgiamo delle potenzialità / e ogni tarantella addiventa da lamiento canto di libertà / libertà ca se difende cu 'e curtielle / tanti vote te vuliv avvicinà”

12 “La borghesia settentrionale ha soggiogato l'Italia meridionale e le isole e le ha ridotte a colonie di sfruttamento; il proletariato settentrionale, emancipando se stesso dalla schiavitù capitalistica, emanciperà le masse contadine meridionali asservite alla banca e all'industrialismo parassitario del Settentrione”

Como todos os “pós-”, o pós-italiano vem com a pretensão de traçar uma cronologia, uma dimensão temporal que identifique superação e, talvez, redenção. Esses “pós-” (-colonial, -moderno, -industrial, -racial, etc.) prometem redenções que nunca aconteceram (PUGLIESE e STRYKER, 2009). Pelo contrário, a colonialidade, a modernidade, a dependência geral na produção de massa (que só mudou de lugar), o racismo, permanecem e se fortalecem (CALLINICOS, 1989).

A minha formulação do “pós-italiano” nasce justamente dentro dessa crise, já que contempla a possibilidade ou a certeza de uma falência em superar o colosso nacional italiano. Então para mim, aquele “pós-” identifica uma cronologia epistêmica, é o pós-descoberta, a descoberta da própria condição de subalterno, a descoberta de memórias silenciadas, etc. Nesse trecho, que conclui esse texto, Eugenio Bennato articula exatamente esse momento de quando o italiano torna-se “pós-”:

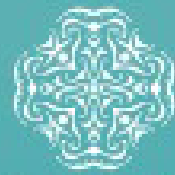
Para mim era a época de uma descoberta, que eu tive que fazer sozinho e com muito esforço. Exatamente naquele período a gente entendia que os indígenas norte-americanos não eram tão espantosos e cruéis como o cinema, os quadrinhos e a indústria dos soldados de brinquedo tinha ensinado para nós. Eram os anos do sucesso do filme *Soldado Azul* de Ralph Nelson. Eram os anos em que tínhamos que ajudar desenterrar as memórias daqueles derrotados que tinham sido vencidos duas vezes: a primeira vez, sob a razão das armas, e a segunda vez, sob a razão da política, ou melhor, da história. E esta segunda derrota era o começo da humilhante “questão meridional”, e pertencia a todos nós, gente do Sul (BENNATO, 2010).¹³

13 “Era per me la stagione di una scoperta, che da solo e con grande sforzo dovevo fare. Proprio in quel periodo veniva fuori che gli indiani d’America non erano poi così spaventosi e crudeli come la cinematografia, i fumetti, e l’industria dei soldatini ci avevano insegnato. Erano gli anni del successo del film americano *Soldato Blu* di Ralph Nelson. Erano gli anni in cui ci toccava dare una mano per sottrarre all’anonimato quei perdenti che avevano perso due volte: una prima volta per la ragione delle armi, e una seconda, per le ragioni della politica, anzi, ancor di più, della storia. E questa seconda sconfitta era l’antefatto dell’umiliante «questione meridionale», e riguardava direttamente tutti noi, ragazzi del Sud”

REFERÊNCIAS

- ALIANELLO, C. *L'eredità della priora*. Milan: Feltrinelli, 1963.
- BANFIELD, E. C. *The Moral Basis of a Backward Society*. Glencoe, IL: Free Press, 1958.
- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BENNATO, E. *Il mondo corre*. Canzoni di contrabbando, iCompany. 2016.
- BENNATO, E. *Concerto a Cittanova*. 2013. https://youtu.be/-_62jAjOXD0
- BENNATO, E. *Il mondo corre*. *Questione meridionale*, Taranta Power/Artis Records. 2011a.
- BENNATO, E. *Ninco Nanco*. *Questione meridionale*, Taranta Power/Artis Records. 2011b.
- BENNATO, E. *Questione meridionale*. *Questione meridionale*, Taranta Power/Artis Records. 2011c.
- BENNATO, E. *Il mondo corre*. *Briganti o Emigranti*, 2010.
- BENNATO, E. *Che il Mediterraneo sia*. Taranta Power, 2002.
- BENNATO, E.; D'ANGIÒ, C. *Brigante se more*. Philips Records, 1980.
- BONI, S. Institutional alignment: The anniversary of Italy's 150 years of unity. *Anthropology Today*, v. 28, n. 1, 2012, p. 6-10.
- CALLINICOS, A. *Against Postmodernism: A Marxist Critique*. Cambridge: Polity Press, 1989.
- CASSANO, F. Southern thought. *Thesis Eleven*, n. 67, 2001, pp. 1-10.
- CHAMBERS, R. Poetry in the Asiatic Mode: Baudelaire's "Au Lecteur". *Yale French Studies*, n. 74, 1988, pp. 97-116.
- DICKIE, J. A Word at War: The Italian Army and Brigandage 1860–1870. *History Workshop Journal*, v. 33, n. 1, 1992, p. 1-24.
- DUGGAN, C. *The force of destiny: A history of Italy since 1796*. London: Allen Lane, 2007.
- FANON, F. *Os condenados da Terra*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FESTA, F. *Oltre l'emergenza: Pratiche ed esperienze di "comune" nel Sud d'Italia*. In: ORIZZONTI MERIDIANI (org.) *Briganti o emigranti: Sud e movimenti tra conricerca e studi subalterni*. Verona: Ombre corte, 2014, pp. 191-208.
- GRAMSCI, A. *La Questione Meridionale*. Roma: Editori Riuniti, 1966.
- LUPO, S. *L'unificazione italiana: Mezzogiorno, rivoluzione, guerra civile*. Roma: Donzelli Editore, 2011.
- MAJANO, A. G. *L'eredità della priora*. RAI, 1980.
- MESSINA, M. *Performance-as-Resistance and Resistance-as-Performance in*

- the NO MUOS Movement in Sicily. *Muiraquitã, Revista de Letras E Humanidades*, v. 5, n.1, 2017, pp. 50-94.
- MESSINA, M. Atraso. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. (orgs.), *Uwakürü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, 2016a.
- MESSINA, M. Narrativas pós-italianas A re-imaginação da unidade nacional nas canções do sul da Itália. *Muiraquitã*, v. 4, n.1, 2016, pp. 113-125
- MESSINA, M.; DI SOMMA, T. Unified Italy, Southern Women and Sexual Violence: Situating the Sexual Assault TV “Prank” against Emma Marrone within the Dynamics of Contemporary Italy as a Scopic Regime. *Tropos*, v. 6, n.1, 2017, pp. 1-18.
- PERERA, S. Dead exposures: trophy bodies and violent visibilities of the non-human, *Borderlands*, v. 13, n. 1, 2014, p. 1-26.
- PERERA, S; PUGLIESE, J. White Law of the Biopolitical. *Journal of the European Associate of Studies on Australia*, v. 3, n. 1, 2012, pp. 87-100.
- PUGLIESE, J. Crisis heterotopias and border zones of the dead. *Continuum*, v. 23, n. 5, 2009, pp. 663-679.
- PUGLIESE, J. Whiteness and the blackening of Italy: La guerra cafona, extracomunitari and provisional street justice. *PORTAL Journal of Multidisciplinary International Studies*, v. 5, n. 2, 2008.
- PUGLIESE, J.; STRYKER, S. The somatechnics of race and whiteness. *Social Semiotics*, v. 19, n. 1, 2009, pp. 1-8.
- PUTNAM, R. D. *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- ROSOLI, G. *Un secolo di emigrazione italiana 1876-1976*. Roma: Cser, 1978.
- SALVEMINI, M.; PERSICO, L.; IOVINE, M.; MESSINA, M.; RICCI, S. *Tarrantelle pe’ campa’. 99 Posse & Caparezza. Cattivi guagliuni*. Novenove. 2011.
- SILVA, D. F. D. Ninguém: direito, racialidade e violência, *Meritum*, v. 9, n.1, p. 67-117, 2014.
- SILVA, F. B.; SOUZA, J. A.; MESSINA, M. Contentious Narratives in Amazonian Cities Along the Brazil–Bolivia Border: Memories and Resentments Turned Heroic and Glorious. *Bitácora Arquitectura*, n. 36, 2017, p. 130-137.
- ZITARA, N. *Il proletariato esterno. Mezzogiorno d’Italia e le sue classi*. Milano: Jaca Book, 1973.
- ZITARA, N. *L’Unità d’Italia: Nascita di una colonia*. Milano: Jaca Book, 1971.



NEPLAN

ISSN: 2525-5924

v. 8, n. 2: Supl I (2017)

I Encontro do
Grupo de Estudos
Linguísticos e Literários
da Região Norte
GELLNORTE

02 a 06 de outubro de 2017

